

GALERIA THEATRAL.

JORNAL CRITICO-LITTERARIO.

Publica-se aos Domingos, e Quartas feiras. — As assignaturas fazem-se unicamente na typographia da travessa das Mercês n.º 11.

Assigna-se por anno: 1:000 rs. — Por semestre: 600 — Por trimestre: 300 — Avulso 20 rs.

ORIGEM DO THEATRO NA EUROPA.

A faculdade de letras na universidade de Paris, tinha estabelecido uma cadeira para a litteratura estrangeira, que foi occupada pelo sabio Fauriel. Em 1835 este curso, cujo unico inconveniente era o ser dado as 8 horas da manhã, e n'um canto da antiga Soborna, quero dizer, n'uma das extremidades de Paris, foi desempenhado por um dos redactores do antigo *Nacional*, e do antigo *Globo* — Carlos Magnin muito conhecido pelos seus trabalhos de erudição.

Havia já muito tempo que Magnin se occupava em silencio, nas horas vagas das suas occupações, em procurar conscienciosamente as primeiras origens dramaticas, tanto antigas como modernas. Soube-se isto com antecedencia, e logo conceberam grandes esperanças os que conheciam a modestia e recursos deste insigne litterato. Desde o dia da abertura do curso até á sua ultima licção, a salla esteve sempre cheia de espectadores curiosos de ver não a lucta (lucta sem duvida difficil, e mais penosa, do que parece á primeira vista) do homem estudioso, mas só habituado aos trabalhos de gabinete e que se vê obrigado a fallar; mas para recolher a instrucção especial do sabio Magnin; sem necessidade de maior trabalho.

Vou procurar dar conta deste interessante curso, que durou um anno. E' claro que desejando encerrar em poucas paginas o trabalho de tanto tempo, corro o risco de parecer muito analytico, e arido, mas o leitor deve perdoarme esta falta, lembrando-se que fica compensado pela exactidão; e quanto ao desgosto que as minhas palavras possam produzir, isto só me fica pertencendo; visto que não posso dar todas as magnificos desenvolvimentos de Magnin

Acreditava-se geralmente que o genio dramatico, adormecido perto de setecentos a oitocentos annos tinha tornado a apparecer em um bello dia dos seculos 13.º ou 14.º pouco mais ou menos. Havia até quem se atrevesse a procurar o dia e a hora em que esta grande revolução se tinha operado; mas a dizer a verdade havia de custar muito a encontral-o. E' preciso remontar mais lenge

para achar a origem do theatro moderno, cujos mysterios, moralidades, e loucuras são as expressões mais proximas da nossa idade.

Todavia é forçoso confessar uma cousa. A natureza humana nunca adormece nem pára, transforma-se continuamente e caminha sempre. Nesse longo intervallo de decomposição e de recomposição social a que se chama idade media, nesse periodo immenso o genio dramatico jaz confundido pela barbaridade dos povos invasores que destruíram o imperio romano, mas não é lá que começa. O theatro moderno nasce com a era christã.

Antes de expôr o que foi o theatro desde o seculo 5.º até ao 12.º, depois da extincção do theatro pagão no 6.º seculo, Magnin tinha necessidade de explicar aos seus ouvintes, o que era o theatro pagão da antiguidade, sem todavia entrar na analyse das peças, de que era composto. Para este fim Magnin observou a antiguidade grega e romana em tres generos distinctos pelo que pertence ao drama. O primeiro contem o theatro maravilhoso fatidico, sobrenatural, este é o theatro ecclesiastico, lyurgico e sacerdotal; o segundo compõe-se do drama aristocratico e real, que desde as primeiras conquistas serviu para nos dias de pompa e galla festejar os barões nos seus castellos feudaes; o terceiro comprehende o drama popular e plebeu, que nas praças publicas tendo por tecto o Ceo, nunca deixou de alegrar a tristeza dos escravos, e os poucos momentos de descanso dos villãos; genero tenaz, theatro que se pôde chamar indistructivel, e que por isso mesmo forma o anel, que une a scena moderna á antiga.

Quando se examina na sua origem cada litteratura, acha-se o genero dramatico confundido constantemente com as outras classificações litterarias, por exemplo com a epopea. Anterior ao nascimento do theatro grego, antes que o carro de *Thespis* conduzisse histriões pelas cidades, as poesias do *velho cego*, cujo nascimento disputaram sete cidades, eram cantadas, isto é, representadas pelos rapsodistas. O mesmo facto se reproduziu na idade media, e os viajantes asseguram, que o mesmo se pratica ainda hoje no Oriente. E' assim que se representava mimicamente em 1825 em Benarés o

poema de Rhamayana, ao passo que n'uma scena visinha se fazia a leitura da composição escripta.

O genero dramatico tambem se misturou com o genero lyrico. Na Grecia os poemas eram sempre acompanhados de pantomimas, e decanções ao som das quaes se dançava. O drama pôde por tanto encontrar-se na maior parte das produções do espirito humano, mas com especialidade no dialogo e na imitação. O factio mais curioso é que o genio dramatico ou mimico começou em todos os povos pela imitação dos animaes. Vede a fabula, que é o mais antigo genero litterario.

Na Grecia todas as festas, todas as artes, todos os jogos entram na divisão a que chamamos hieratica, e eram consagradas á divindade. Foi nas festas de Minerva, que se celebravam annualmente em Atheas, onde se transformou o drama hieratico em drama nacional; mas as verdadeiras representações scenicas acham-se no interior dos templos, junto da celebração dos mysterios sagrados.

O theatro popular da Grecia foi por muito tempo distincto do theatro nacional; que nasceu da combinação do primeiro com o theatro hieratico, mas apezar desta fuzão produzida pelo engenho de Aeschyles, os tres generos subsistiram simultaneamente.

Na Italia o theatro popular teve mais influencia, do que na Grecia, sobre o theatro official, e o theatro aristocratico gozava de maior extensão. Havia em Roma um immenso numero de theatros particulares.

O que distingue mais que tudo o theatro latino do theatro grego, é o amor pela réalidade, e uma extrema ferocidade. Os gregos fingiam o assassinato; os Romanos assassinavam na scena.

No seculo primeiro verificou-se em Roma uma revolução espantosa no genio dramatico. O movimento que depois da conquista se tinha dado pela Grecia á civilização romana parou, e o talento romano que se tinha feito grego, tornou a ser romano. O genero dominante naquella epocha era a pantomima. Augusto contente por ter encontrado uma lingua, por meio da qual se podiam ligar entre si todos os povos de que se compunha o imperio, deu a este genero os maiores desenvolvimentos. A comedia sempre sarcastica, e a tragedia sempre republicana oppunham-se ao seu designio, por isso quasi que as destruiu ambas

As salas dos theatros foram primeiramente construidas de madeira. Algumas vezes representava-se mesmo no campo, e tomava-se para scena qualquer collina, mas não tardou a apparecer a necessidade de estabelecimentos mais solidos. Foi na 62.^a Olympiada, que se construiu em Athenas o primeiro theatro de pedra, por se ter destruido o antigo, que era de madeira. O novo foi chamado theatro de Baccho.

Na Italia ainda hoje se encontram as ruinas dos antigos theatros, e é por ellas que se estuda a construcção dos novos.

A scena entre os romanos era a decoração do fundo. O que nós chamamos hoje scena era chamado então *proscenium*, e a parte deste *proscenium*

sobre que se collocavam os actores para recitar os seus papeis chamava-se *pulpitum*. Por baixo do *proscenium* havia o *hyposcenium* grande espaço vazio, que servia para trabalharem as machinas. Por cima era o *episcenium*.

Entre os romanos o logar mais distincto era a orchestra. O camarote do imperador chamava-se *cubiculum*, e Julio Cesar fez construir um todo fechado. O coro cantava-se no meio da orchestra, n'um logar chamado *timeleum*, que ao principio era uma especie de altar, mas que ao depois serviu para se executarem as danças.

Os espectadores sentavam-se sobre degrãos circulares chamados *cunei*, separados por meio de escadas, que davam serventia para os lugares superiores. Os cavalheiros, os consules, e os senadores occupavam os logares mais commodos; o resto — o *summa cavea* — era destinado para o povo.

Havia arrumadores — *designatores* — encarregados de abrir os camarotes, de marcar os lugares, e de verificar o bilhete de marfim, ou de madeira — *tessera* — que dava direito á entrada.

Ao principio os theatros não eram cobertos, e por isso os romanos viram-se na necessidade de adoptar certas modas.

Assim o chapeo (*galerus*) os abrigava da chuva e o sol. A parte do theatro consagrada aos espectadores era decorada com muito luxo, e sempre perfumada. Havia uma especie de cascata, e jorros d'agoa de cheiro, que se espalhava por cima dos espectadores como chuva miuda, e purificava o ar. Já pelos fins do governo da republica, cubriam-se os theatros com um grande pano.

No principio os ensaios faziam-se n'um local separado do theatro, e a que se chamava o *odeon*. Depois este local serviu de salla de concerto e de leitura. O ponto chamava-se *monitor*. Os theatros publicos tinham cartazes, como se prova pelas folhas de Pompeia; os theatros particulares serviam-se d'outro modo d'annuncios.

Como havia tres generos de scenas — a scena tragica — a scena comica — e a scena satirica, havia tambem tres especies de decorações e tres generos de vestuarios, que subsistiram até o momento da confusão dos generos. O vestuario comico compunha-se d'uma longa capa, (*pallium*) arregaçada, e suspensa no braço esquerdo; o vestuario tragico era muito mais exaggerado. A estatura do actor, era de oito a nove pés, por causa de uma especie de andas, sobre que se collocavam, e Philostrato conta que um certo actor que fugindo ás iras de Nero se refugiou na Hespanha, assim que alli appareceu em scena, causou um tal medo ao publico, que a maior parte dos espectadores fugiram atterrados, dando grandes gritos. A mascara tragica era com effeito muito maior que a natural, e propria para causar uma terrivel impressão nos barbaros; mas no theatro antigo não podia ser d'outro modo. O heroe era um typo, era necessario que tambem o vestuario o fosse.

Poderia alongar muito estes detalhes materiaes, que tem relação tanto com o theatro pagão antes da era christã, como com o primeiro periodo da

mesma época: mas o que levo dito parece-me sufficiente para dar uma idéa sommaria da scena grega e latina.

GALERIA.

THEATRO DE S. CARLOS.

A *Luzia de Lammermour* foi na sexta feira á scena para nella se estreiar a sr.^a *Marinangeli*. As outras partes foram desempenhadas pelos srs. Fiori, Baldanza, Celestino, e Bruni.

A sr.^a *Marinangeli* foi bem. A sua escolla pareceu-nos do melhor gosto, e a sua voz, que no principio da opera estava conhecidamente contrafeita, foi pouco a pouco tomando novo vigor, e no terceiro acto appareceu com muito mais força, e agradou. A sr.^a *Marinangeli* além de cantora é uma perfeita actriz. Conhece todos os segredos da scena, e sabe tirar partido das situações dramaticas. Esperamos tornar a vel-a; e desejamos que desassombra da de todos os inevitaveis receios, que a sua primeira apparição diante d'um publico intendedor, lhe devia causar, possa com mais sangue frio desenvolver todos os seus talentos.

O sr. *Fiori* cantou perfeitamente e foi muito applaudido, como merece. O talento deste distincto artista vae cada dia appresentando novos motivos de admiração. O dueto do 2.^o acto excitou um verdadeiro entusiasmo pela força com que o sr. *Fiori* e *Baldanza* o executaram; os dous cantores foram chamados fóra para receber os elogios do publico.

O sr. *Baldanza* tambem colheu novos louros em toda a peça, mas especialmente no final do 3.^o acto. A voz forte e sonora deste excellente tenor sabe amoldar-se á mais doce expressão, e cantar com deliciosa suavidade aquellas palavras tão repassadas de agonia; tão cheias da mais intima saudade, com que chora a morte de *Luzia*.

A final póde dizer-se com verdade que a *Luzia de Lammermour* foi muito convenientemente.

THEATRO DE D. MARIA II.

Representou-se hontem pela primeira vez neste theatro *A filha do Figaro* comedia franceza em cinco actos, e traduzida com muita felicidade para a nossa lingua. Agradou muito, e o publico por diversas vezes chamou fóra os artistas.

Fallaremos della mais d'espaço.

THEATRO DO GYMNASIO.

O ensaio da *Norma* chamou a este theatro uma

concorrencia tal, que mais de 60 pessoas se retiraram por se terem acabado os bilhetes. Esta engraçada producção do sr. Casimiro Junior está cheia das mais engraçadas situações, e ensaiada com tanta propriedade, que deixa brilhar todo o talento comico dos srs. Taborda e Moniz. Merece, e hade ter uma apreciação particular.

THEATRO ESTRANGEIRO.

MADRID.

Vão-se passando os mezes sem que os theatros lyricos deem signaes de vida. Depois de muitos projectos malogrados, e mudança de emprezas, parece que a final se pensa seriamente em abrir as portas do theatro italiano. Dizem-nos que já sahio para o estrangeiro um commissario encarregado de ajustar as partes principaes. Entretanto e sem prejuizo do que de fóra nos hade chegar, falla-se do tenor hespanhol Alzamora, e dos *maestros* Espin e Guillen. (A *Espanha*.)

O theatro lyrico espanhol segue desatinado no drama, em quanto não chega a hora de desatinar tambem no novo genero, que se propõe crear — a saber a opera nacional. Deus lhe ponha a virtude. Se houvermos de avaliar o futuro pelo passado trememos de medo. (Ieu).

PARIZ.

No theatro italiano estão em scena a *Luzia*, os dous *Foscari*, e o *Elixir d'amor*. Eis como se explica *Theophilo Gautier* a respeito deste theatro, na semana, que findou em 24 de Novembro.

O theatro italiano prosegue com tão infatigavel diligencia, que brevemente chegará ao seu fim. Esta semana foi verdadeiramente feliz. M. Vera estreou-se no *Elixir*. Tem uma voz doce, agil e extensa, um tymbre sympatico, que condnz com extrema habilidade e uma agilidade espantosa. O publico do theatro italiano tão repugnante em aceitar novas caras, desta vez foi condescendente em receber M. Vera com verdadeiro entusiasmo. Tem-lhe feito repetir muitos trechos, e entre outros a bella aria *Nel dolce incanto*, que cantava Malibran, e que ficou intercallada no *Elixir*. Tem sido chamado fóra em quasi todos os actos; e coberta de flores. *Morelli* o melhor baixo cantante desempenhou a parte do Sargento, e Ronconi o papel de *Dulcamara*; em que se houve maravilhosamente. *Cellini* foi de improviso substituir Flavio, que adoeceu repentinamente, no que o publico não perdeu nada, a voz de *Cellini* é doce e pura, ainda que um pouco fraca, todavia é ouvido com prazer.

A *Luzia* foi muito bem desempenhada por Marianni, Ronconi, e Persiani. Nos dois *Foscari* o triumpho foi todo alcançado pelo insigne Ronconi; e se não tivessemos receio de juntar mais no-

mes acabados em i diriamos que o sr. Brignoli se estreia amanhã ua *Linda de Chamouny*.

(Presse.)

VARIÉDADES.

Na officina do telegrapho electrico-magnetico da Nova York teve lugar em 31 de Outubro um espectáculo novo em toda a extensão da palavra, e não lhe chamaremos estranho, porque nada deve causar estranheza no paiz classico das novidades. Na occasião em que os empregados das officinas do telegrapho entre Nova York e Boston estavam desoccupados, propozeram exercitar-se na transmissão de armonias ou sons musicaes na presença de varios individuos que tomavam muito interesse em presenciar um tal adiantamento no systema telegraphico, e com effeito um dos empregados na officina do telegrapho de Nova-York pediu ao que dirigia o apparelho telegraphico de Boston, que trasmitisse pelos arames as notas do *Yankee Doodle* canção nacional, que nenhum americano-inglez ignora. Pouco tempo depois começou o trabalho do telegrapho, e as pessoas presentes viram com muita satisfação preenchida a sua curiosidade, não só uma mas muitas vezes; porque ás notas do *Yankee Doodle* repetidas nos tambores com muita precisão e clareza seguiram-se as do *Hail Columbia*, e outras canções não menos populares. Com razão se diz que o seculo actual, é o seculo dos inventos.

(A Epoca.)

ESPECTACULOS.

THEATRO DE S. CARLOS.

Domingo 9 de Dezembro, opera = *Luzia de Lammermoor*. — Dança, a contradança e galope á Rechilieu,

Segunda feira 10, a beneficio do camaroteiro, opera — *Norma* — dança, bailado e tercetto

THEATRO DE D. MARIA II.

Domingo 9 = *A Filha do Figaro* = O bailado em character. — A comedia em 2 actos = *Um Jantar no Campo Grande*.

Terça feira 11. — *A Filha do Figaro*. = O bailado em character. = A comedia em 1 acto = *A Mulher dos dois Maridos*. = Os tres primeiros intervallos serão preenchidos com thema e variações de violoncello: Ricardo de Palma: executados pelo célebre viloncellista o sr. Cesar Casella, que toca pela primeira vez neste theatro, em obsequio ao sr. Barbate. A aria — *A Tempestade* — cantada pelo sr. Barbate com letra em portuguez e para elle expressamente escripta pelo compositor Fossa. Scena e aria — *D. Pedro Cruel de Castella*, composta e executada pelo sr. Barbate, com letra em portuguez.

THEATRO DE D. FERNANDO.

Domingo 9 do corrente, o drama em 5 actos

= *Adriana Lecouvreur* = e a 1.^a representação da comedia em 2 actos = *As Proezas de Rechelieu*.

A sr.^a Emilia das Neves e Sousa desempenhá o papel de Rechelieu.

Terça feira 11, o mesmo espectáculo.

THEATRO DO GYMNASIO.

Domingo 9 = *O Ensaio da Norma* = *Uma Febre Nervosa* = *As Pequenas Misérias*. = *Uma Lição*.

Terça feira 11 = *O Ensaio da Norma* = farça em 1 acto = *Uma febre nervosa* = em 3 actos = *As pequenas misérias* = em 1 acto = *Emilia travessa* = em 1 acto.

ANNUNCIOS.

CHRYSOLITHO CALIFORNIO.

E ELIXIR CALIFORNIO.

A maior parte dos dentifricos, empregados desde muito tempo, teem por base substancias mais ou menos ácidas, que só enbranquecem os dentes alterando o seu esmalte. Daqui vem a opinião geralmente espalhada — « os pós e os opiatos dentifricos damnificam os dentes, em lugar de os conservar. »

Para substituir a estas preparações dos dentifricos elaborados, segundo a sciencia, muitos chimicos distinctos se teem dado a immensos trabalhos para conhecer a acção chimica produzida sobre os dentes pelas differentes substancias, que se podem empregar para sua conservação. As investigações os teem levado a compôr o *Elixir e a Massa Chrysolitho Californio*.

Mr. Baron, cabelleireiro, ao Chiado, depositario desta preciosa descoberta, tem feito conhecer as propriedades ao publico, com lo modo de o applicar, ajuntando aos frascos uma pequena memoria instructiva. Limitamo-nos a dizer, que o Elixir conserva e fortifica as gengives, impede que os dentes se abalem, tira o máu halito, mesmo o cheiro do fumo do charuto ou cigarro. A massa, de uma consistencia um pouco rija, tem um cheiro e sabor agradaveis, junta á propriedade de enbranquecer os dentes a de conservar e endurecer o esmalte; assim como tambem a de evitar que apodreçam.

Preço de cada frasco 240 réis. — deposito em casa de Mr. Baron, ao Chiado n.º 40, 1.º andar.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

Lyra de Apollo.

Publicou-se o 1.º n.º deste jornal de musica, contendo o coro e cavatina de soprano dell opera *Il Masnadieri*, para piano, assigna-se e vende-se este jornal no armazem de musica de J. C. Lence, rua das Portas de Santa Catharina n.º 13.

Errata ao n.º 14 da Galeria.

Pag. 3.^a col. 1.^a linh. 26 onde se lê: *teve em vista* — lê-se: — *teve*.